

**AUTOPERCEPÇÃO DAS MULHERES CRISTÃS SOBRE A VIVÊNCIA DA
RELAÇÃO SEXUAL NO CASAMENTO, NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA
– BAHIA, NO ANO DE 2023**

**SELF-PERCEPTION OF CHRISTIAN WOMEN ABOUT THE EXPERIENCE OF
SEXUAL RELATIONSHIP IN MARRIAGE, IN THE MUNICIPALITY OF FEIRA DE
SANTANA – BAHIA, IN THE YEAR 2023**

Lívia Bezerra Oliveira
Roseane Santos Freitas
Vanessa Cunha Boaventura

¹Graduada em Psicologia, na Faculdade Anísio Teixeira (FAT), Feira de Santana – Bahia; E-mail: psi.liviamorais@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3136781217382312>

²Graduada em Psicologia, na Faculdade Anísio Teixeira (FAT), Feira de Santana – Bahia; E-mail: hoseanysf@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6889653434847508>

³Docente da Faculdade Anísio Teixeira (FAT). Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM/UFBA); Especialista em Políticas Sociais e Serviço Social. Feira de Santana – BA. Email: vanessa.cunha@fat.edu.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6407872346517044>

RESUMO

Introdução: O debate entre religião e sexualidade é antigo e tem historicamente provocado mudanças nas mais diversas religiões. Com o crescimento da população evangélica e a predominância feminina entre os fiéis, a temática da sexualidade ganhou maior notoriedade, pois o acesso ao conhecimento tornou-se mais facilitado, inclusive dentro das igrejas. **Objetivo:** Analisar a autopercepção de mulheres cristãs sobre a vivência da relação sexual no casamento no município de Feira de Santana – Bahia, em 2023. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de análise qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, com fundamentação teórica baseada em estudos especializados sobre religião e sexualidade, além de pesquisa de campo realizada no referido município. A técnica de análise de conteúdo de Bardin foi utilizada para a interpretação dos dados. **Resultados e Discussão:** O estudo revelou que as relações sexuais vão além do fator biológico e da procriação, sendo moldadas por processos de educação, costumes, moral e religião, dentro de um contexto sociocultural mais amplo. A percepção das participantes envolveu a compreensão do que é lícito ou ilícito, o papel do corpo e os prazeres na dinâmica do casamento, influenciada pela religião. **Conclusão:** A vivência da sexualidade é fortemente permeada pelas relações socioculturais, e a influência da religião desempenha um papel central na construção dessa autopercepção.

Palavras-chave: Mulher, Religião, Relação Sexual, Corpo

ABSTRACT

Introduction: The debate between religion and sexuality is longstanding and has historically driven changes across various religions. With the growth of the evangelical population and the predominance of women among the congregation, the topic of sexuality has gained greater prominence, as access to knowledge has become more available, even within churches. **Objective:** To analyze the self-perception of Christian women regarding the experience of sexual intercourse within marriage in the municipality of Feira de Santana – Bahia, in 2023. **Methodology:** This is a qualitative analysis study, descriptive and exploratory in nature. The theoretical foundation is based on specialized studies on religion and sexuality, as well as field research conducted in the aforementioned municipality. Bardin's content analysis technique was used for data interpretation. **Results and Discussion:** The study found that sexual relations go beyond biological factors and procreation, being shaped by education, customs, morals, and religion, within a broader sociocultural context. The participants' perceptions included the understanding of what is legal or illegal, the role of the body, and pleasures within marital dynamics, influenced by religion. **Conclusion:** The experience of sexuality is deeply intertwined with sociocultural relations, with religion playing a central role in shaping this self-perception.

Keywords: Woman, Religion, Sexual Intercourse, Body

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre o papel e posições ocupadas pela mulher passa pelo resgate de um contexto histórico e das análises sob a ótica de diferentes culturas. No decorrer da história, houve mulheres que não se curvaram diante do domínio patriarcal, ocuparam postos de trabalhos atribuídos somente ao masculino, insubordinando-se a cultura imposta pelo Estado, que tinha sua representação através da Igreja (Lima, 2018).

No que se refere a sexualidade, segundo Jara (2019), a mulher não tinha autonomia, e era impedida de buscar conhecimento sobre seu corpo, também não tinha direito de sentir prazer, seu clitóris era como se fosse um lugar proibido; em algumas culturas, esse órgão era decepado, a saber na África do Sul, na Europa, através de um procedimento sangrento, sem nenhum cuidado médico e sem higienização. Outrossim, a Igreja Católica na idade moderna orquestrou o advento da Santa Inquisição, na qual caçavam mulheres que possuíam conhecimentos diversos e posição de liderança, elas eram mortas de formas inenarráveis,

consideradas como bruxas (Rodrigues, 2020).

No que se referem aos dados estatísticos sobre religião no Brasil, segundo o Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE), a partir do censo de 2010¹, é possível verificar que o Brasil possui uma população cuja maioria se classifica como religiosa, haja vista que houve uma diminuição de 9% dos que se declaram católicos. Em contrapartida transcorreu um aumento de pessoas que se consideram protestantes, passando de 15,4% no ano de 2000, para 22,6% no ano de 2010, obtendo-se um aumento de 6,8% na população protestante. É possível, pois, relacionar que o Brasil tem seu conhecimento religioso originado nesse arcabouço histórico.

Desta forma, esta pesquisa buscou responder a questão: qual a autopercepção das mulheres cristãs sobre a vivência da relação sexual no casamento? Destarte, o objetivo geral foi analisar a autopercepção da mulher cristã sobre a vivência da relação sexual no casamento, no município de Feira de Santana – Bahia, no ano de 2023.

Para o desenvolvimento do presente trabalho foi usada a metodologia exploratória e descritiva com abordagem de pesquisa qualitativa, foram realizadas pesquisas bibliográficas e de campo. A pesquisa bibliográfica baseia-se em publicações científicas através de livros, artigos e publicações periódicas de revistas. A pesquisa de campo foi realizada através do método bola de neve, com quatro mulheres cristãs de congregações religiosas diferentes.

Desse modo, percebe-se que a religião pode influenciar nos aspectos socioculturais e históricas das mulheres sobre diversos assuntos, a saber sobre sua vivência de relações sexuais. Logo, esse tema poderá ser importante para compreender a autopercepção da mulher, no contexto religioso, sobre a vivência da relação sexual no casamento.

REVISÃO DA LITERATURA

¹ Utiliza-se os dados de 2010, visto que os dados de 2020 que foram coletados em 2022 ainda não estão disponíveis.

Conforme Gomes e Lisboa (2015) apontam, a sexualidade foi discutida a partir dos estudos de Freud (1905/1976a); nos estudos anteriores, abordavam-se sobre as experiências da carne, símbolo do pecado, como um meio de proibir o sexo, visto que nas sociedades cristãs este devia ser examinado, vigiado e confessado, com a intenção de afastá-lo da consciência do indivíduo (Foucault, 1979). A religião, ao longo da história, representa significativa importância na vida das pessoas e, influencia fortemente sobre seus comportamentos, não obstante, tem influência sobre sua sexualidade.

Cabe fazer a distinção da sexualidade, que, pela via genital, é vista sob ótica do órgão sexual e do sexo como dimensão biológica, ligado a ideia de gênero (feminino e masculino). No entanto, cabe destacar que a sexualidade, entendida para além da reprodução, compreende a vivência dos indivíduos, em seus aspectos biopsicossociais (Bearzoti, 1994 *apud* Gomes e Lisboa, 2015).

Logo, faz-se necessário ter noções sobre a sexualidade a partir da religião visto que impacta no que se referem regras e valores (Silva, s/d); como também no que diz respeito a noções de aceitação às mudanças na moral sexual, familiar e reprodutiva (Sáez, 2017).

A SEXUALIDADE PARA A IGREJA PROTESTANTE

O surgimento do cristianismo data do governo do Império Romano no século I a.C que se subdivide em três: o protestantismo, catolicismo e a igreja ortodoxa (Lima, 2018). Neste trabalho, faz-se o recorte do protestantismo, no qual não será aprofundado sobre todo o processo histórico, mas sim sobre como o protestantismo tem abordado sobre a sexualidade da mulher ao longo dos anos e como este aspecto impacta direta ou indiretamente na autopercepção dessas sobre as relações sexuais no casamento.

Verifica-se que ainda existam pensamentos de sexo como algo negativo, uma vez que o histórico religioso disseminou a ideia de ato sexual como sendo uma consequência do pecado original de Adão e Eva. O ato sexual deveria ser praticado somente como meio de reprodução. O prazer sentido por esse corpo compartilhava da visão negativa e inferior a alma pura, uma vez que ele distanciava o homem do sagrado. Diante disso a sexualidade passou a ser vista como algo negativo quando

praticado livremente (Gatt, 2019).

Entende-se que essa construção histórica teve seu marco com o advento do Império Romano, onde o poder do pastorado, do cuidado de si e dos outros, daquilo que é comum, alastrou-se, transformando em poder de estado a partir do momento em que o cristianismo se tornou religião oficial desse Império e a igreja se institucionalizou. Com isso, perdeu-se o sentido de zelo e passou-se a adotar o sentido de código de conduta como forma de controle social, inclusive a sexualidade. Por meio dessas doutrinas morais sexuais é que se iniciou o ensinamento sobre como as mulheres pertencentes as igrejas deveriam se comportar (Lima, 2018).

Por outro lado, cabe destacar que as mudanças na independência financeira, social e sexual de mulheres foram frequentemente interpretadas como ameaça fundamental à estabilidade da família. Nas Igrejas Protestantes, o casamento heterossexual continuou sendo quase o único lugar em que a sexualidade humana era valorizada, pelo menos como o ideal; assim, em termos das relações sexuais, não há permissão para sexo fora do casamento, dessa forma, cada um deveria dominar suas emoções e seus desejos. Portanto, o corpo assume identidade de templo do Espírito Santo, devendo cada um zelar responsabilmente, não como as outras pessoas usam o corpo, venerando como sendo um deus (Ferreira, 2019).

A nova cultura valoriza demasiadamente a sexualidade, o prazer que o corpo pode proporcionar, muitas vezes de formas desprotegidas, por exemplo, uma pessoa mantém relação sexual com diversas pessoas, independente do sexo, sem usar proteção contra doenças e contra gravidez; o cristianismo, por sua vez, como medida doutrinária, prefere manter o sexo dentro do casamento. Para o público não cristão, isso parece um ato regulatório, além sentenciar uma pessoa a um casamento que talvez não aconteça. Estes choques entre mundos de valores e informações criam desafios pastorais para a Igreja, para o sexo e a sexualidade dentro da família (Farris, 2006).

A SEXUALIDADE DA MULHER CRISTÃ

Tanto a sexualidade quanto a religião, de formas paralelas, tratam de temas

abrangentes ligados ao mistério da vida. No momento em que dialoga, pelo prisma da religião, a sexualidade está ligada a instâncias voltadas à ideia de desordem. Num olhar sobre a sexualidade feminina, aponta para ideias de perigo, impureza e tentações diversas. Ferreira (2019) pontua que se tem três esferas que trazem contextos que se cruzam, mas não se unificam: política, religião e sexualidade. Nesse sentido, enquanto o governo dialogava sobre o domínio do corpo ideal, a igreja via o corpo de forma negativa, já a sexualidade dizia que o corpo nem pertence ao governo e nem a igreja, mas sim a própria pessoa.

Segundo Foucault (1964 *apud* Geoges; Duby, 2013), a sexualidade é uma maneira, entre outras, a qual o ser humano pode se reproduzir, devendo observar os determinantes da sexualidade como hormônios e sexo genital. Logo, a sexualidade humana representa um conjunto de comportamentos que concernem a satisfação da necessidade e do desejo sexual. Esse, por sua vez, para o protestantismo só é legítimo e lícito dentro do casamento, pois, desde a idade média, essa estrutura social era a base educacional, e a mulher precisava ser assistida a todo o momento, visto que elas eram responsáveis por desviar o curso da vida, como a primeira mulher, Eva, fizera no início do mundo com o advento do pecado original (Geoges; Duby, 2013).

Segundo Abdo (2021), sexo é um fantasma que assombra a memória, pois para se entender é necessário conhecer seu passado para então se apropriar de um presente livre de construções pejorativas e buscando usufruir de uma relação no futuro integra, sabendo que não há como fazer sexo sempre do mesmo modo. As mulheres, por sua vez, precisam passar por uma emancipação cultural, permitindo seus pensamentos, fantasias e desejos emergirem sem culpa ou condenação, entendendo que sexo é um aspecto central da vida tanto do universo masculino como também do feminino.

Araújo (2020) aborda que o ser humano cresceu e desenvolveu habilidades sociais e culturais, religiosas, dentre outras, mas a vivência da sexualidade permanece parecida com aquela pré-histórica, a diferença é a introdução de normas de conduta nas relações sexuais. Desse modo, a mulher tem deixado de ser um receptáculo de espermatozoide, para serem protagonistas de uma vida sexual ativa e que tenha sentido para os dois, passando a enxergar o sexo como fonte de prazer

e de beleza, sendo que a barreira para a prática de outro tipo de relação é justamente a dimensão do próprio prazer.

Entretanto, ainda há mulheres que percebem a identidade feminina e masculina como coexistindo em discurso contraditório e, muitas vezes conflitantes, diante dos inúmeros papéis associados à elas. Estudos demonstram que a mulher de hoje deve ser múltipla e oscilam entre a aceitação e não aceitação, valorização e desvalorização dos estereótipos à elas atribuídos, que são negativamente avaliadas na sociedade (Coutinho, 2004).

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com base na pesquisa descritiva, com a finalidade de analisar e estudar os fenômenos supracitados. De acordo com os estudos de Gil (2008, p. 28), as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

Quanto a abordagem, tratou-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, segundo Taquette e Borges (2020), trata-se de um conjunto de expressões e significados, tem o potencial de produzir provas a partir das inferências do pesquisador. Assim sendo, esse estudo adotou a forma de pesquisa de referência bibliográfica.

Bem como a partir da realização de uma pesquisa de campo, no município de Feira de Santana – BA, para obtenção de dados, o que permitiu ter uma interação com os sujeitos da pesquisa e o conhecimento de suas vivências sobre sexualidade. Desta forma, para a coleta de dados foi realizada uma entrevista semiestruturada: “[...] A entrevista é, portanto, uma forma de interação social, é uma forma de diálogo assimétrico” (Gil, 2008, p.10).

Os dados serão analisados de acordo com o método de Análise de Conteúdo de Bardin, que é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, através de processos sistemáticos sobre os objetivos, de descrição do

conteúdo das mensagens, indicadores, com vistas a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das variáveis inferidas destas mensagens (Bardin, 2011).

Esta que se estrutura em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material, categorização ou codificação; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação. A validade dos achados da pesquisa é resultante de uma coerência interna e sistemática entre as fases (Bardin, 2011).

As participantes foram 04 mulheres de igrejas diferentes, o acesso à essa mulher aconteceu através do método bola de neve, amostragem não probabilística, que utiliza cadeias de referência para seleção das participantes da pesquisa. Essa cadeia partiu das pesquisadoras, visto que são cristãs e vivem com muitas em seus círculos. O critério de inclusão, foi: ter a partir de 18 anos de idade, serem casadas e/ou viúvas, aceitarem participar livremente da pesquisa e assinarem o TCLE. O critério de exclusão: ser menor de 18 anos, ser solteira e não aceitar participar da pesquisa.

Os aspectos éticos, foi encaminhada ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade Anísio Teixeira de Feira de Santana-BA e iniciada após autorização do CEP. Este projeto atende a Resolução CNS nº 466/2012 e nº 510/16, segue o parâmetro dos documentos internacionais com diretrizes e declarações referentes às pesquisas que envolvem seres humanos.

As mulheres que aceitaram participar da pesquisa foram convidadas a ler e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de fácil compreensão para atender aos/as diferentes participantes da pesquisa, esclarecendo que a qualquer momento elas poderiam desistir de participar da pesquisa. Foi garantida privacidade, anonimato e confidencialidade em todas as fases, em respeito às participantes da pesquisa foram identificadas através de nome de flores e idade (ex: Rosa, 20 anos, Igreja X).

Todo material coletado foi organizado em bancos de dados e permanecerá guardado por cinco anos em mídia digital com as pesquisadoras e, após o período estipulado, todo o material será incinerado. Esta pesquisa poderá gerar benefícios tanto aos indivíduos estudados, quanto para a comunidade acadêmica e população em geral, poderá servir de fonte de conhecimento acréscimo de informações sobre a

autopercepção da mulher cristã diante de sua sexualidade, bem como poderá servir de subsídio para realização de novas pesquisas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo da história, percebe-se que a religião exerce importância significativa na vida das pessoas. Sendo assim, a mesma tem forte influência no comportamento dessas, logo, também sobre a vivência das relações sexuais. A pesquisa de campo possibilitou responder aos objetivos propostos neste trabalho, para tal é feita a caracterização do perfil sócio demográfico das mulheres cristãs participantes; discute-se a abordagem religiosa sobre a sexualidade; e como a mulher cristã, a partir de sua vivência, compreende aspectos como: sexo, o que é lícito/ilícito, corpo, prazeres, e o que surgir sobre as relações socioculturais ligadas a influência da religião nesta autopercepção.

Quanto ao perfil sociodemográfico (dados vide tabela 1), os dados mostram que, uma entrevistada tem 33 anos, 34 anos, 49 anos e 52 anos de idade. No que se refere ao grau de escolaridade, três possuem ensino superior completo e uma tem ensino médio completo. Com relação ao estado civil, três são casadas e uma tem união consensual. Três possuem filhos (a quantidade de filhos varia de um a quatro filhos) e uma participante está gestante.

No tocante aos aspectos religiosos, cada uma participa de congregações protestantes diferentes, quais sejam: Shalom Adonai, Assembleia de Deus, Cristianismo Sem Fronteiras e Batista. Questionadas se sempre foram protestantes, foi possível verificar que nenhuma “nasceu e se criou” no berço das igrejas, realizaram conversão na adolescência e fase adulta, uma em 2004, 2017, 2018 e 2020. Sobre seus esposos, percebeu-se que dois deles são protestantes, participam da igreja junto com suas esposas e dois não são protestantes, não foi informada a religião a qual se ligam.

Tabela 1: Perfil sociodemográfico das participantes da pesquisa

| Entrevistada | Idade | Grau de escolaridade | Estado Civil | Filhos e idade deles | Igreja que frequenta | Sempre foi protestante? Quando se converteu? | O esposo também é protestante? |
|----------------|-------|----------------------|------------------|---------------------------------------|--|---|--------------------------------|
| 1ª - Tulipa | 52 | Superior Completo | Casada | Quatro filhos; 27, 22, 19 e 3 anos | Shalon Adonai | Não Converteu-se em 2020 | Não é protestante |
| 2ª - Margarida | 49 | Superior Completo | União consensual | Um filho, 19 anos | Assembleia de Deus Mais que Vencedores | Não Converteu-se em 2017 | Não é protestante |
| 3ª - Orquídea | 34 | Superior Completo | Casada | Gestante | Cristianismo Sem Fronteiras | Não Converteu-se em 2018 | Sim |
| 4ª - Jasmim | 33 | Médio Completo | Casada | Um filho, 14 anos | Batista | Não Converteu-se em 2004 | Sim |

Fonte: Elaboração própria (2023)

No que se referem aos questionamentos relacionados à vivência na igreja onde frequentam, foi perceptível, por unanimidade que é uma experiência positiva e que algumas participam de atividades dentro dos ministérios, conforme pode se ver: [a vivência na igreja] é “tranquila, participo de atividades no louvor e outras atividades” (Orquídea, 34 anos, Cristianismo sem Fronteiras); “Boa, já participei do grupo de dança” (Jasmim, 33 anos, Batista).

Por compreender a família como instituição primária de formação dos indivíduos, e, historicamente por se configurar como principal meio de aquisição de valores, crenças, culturas, necessárias para se viver em sociedade, questionou-se às mulheres sobre como foi o ensinamento dentro de casa sobre sexo e/ou sexualidade, obteve-se como respostas:

“Ruim” (Margarida, 52 anos, Shalon Adonai).

“Meus pais eram restritos, eu fui descobri na escola e com as amigas” (Tulipa, 49 anos, Assembleia de Deus);

“Não foi conversado, foi um assunto muito evitado” (Orquídea, 34 anos, Cristianismo Sem Fronteiras).

“Meu pai nunca falou sobre esses assuntos e minha mãe falava que se eu engravidasse seria colocada para fora de casa” (Jasmim, 33 anos, Batista).

A partir das falas, identifica-se, por unanimidade, que as famílias não orientavam sobre sexualidade e sexo, devido aos tabus acerca da temática, o que corresponde ao que Araújo (2020) denomina de catequização familiar, isto significa que, por meios do código de conduta cultural e religioso, no qual o sexo e sexualidade sempre foram assuntos proibidos, tende a não se falar sobre. Essa característica é ainda verificada nos dias de hoje, dada a reprodução dessa construção antiga.

No que tange a discussão da sexualidade no âmbito da igreja, as respostas foram consoantes, ao afirmarem que o assunto é muitas vezes evitado, pouco se fala sobre e quando se fala são em eventos específicos para casais, conforme pode se verificar nas falas:

“Pouca coisa” (Margarida, 52 anos, Shalon Adonai).

“Não tem essa conversa, só se tiver algum congresso de casados” (Tulipa, 49 anos, Assembleia de Deus).

“A sexualidade na minha igreja é abordada à luz da bíblia, deve ser

alimentado dentro de um casamento” (Orquídea, 34 anos, Cristianismo Sem Fronteiras).

“Não se recorda” (Jasmim, 33 anos, Batista).

Logo, os dados corroboram com ao que a literatura aponta, que o assunto sexo e sexualidade é discutido pelas religiões de forma periférica (Farris, 2006) e é evitado, seja por causa do pecado original como ato de desobediência, a partir desse evento a sexualidade passou a ser vista como algo negativo que precisava ser evitado, seja pelas construções religiosas sobre o mesmo (Gatt, 2019).

Acerca da sexualidade, Foucault (1999 *apud* Martines, Rossarolla, 2019), define como o nome dado a um dispositivo histórico, que envolve a grande rede da superfície a partir da qual a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres; o reforço dos controles e das resistências, ligam-se uns aos outros, de acordo com algumas grandes estratégias de saber e de poder. E assim acontece no âmbito das religiões, conforme é perceptível nas respostas das entrevistadas.

No que diz respeito à idade com a qual tiveram a primeira relação sexual, as idades variaram entre 15 anos (Orquídea, 34 anos, Cristianismo Sem Fronteiras); 17 anos (Jasmim, 33 anos, Batista); 19 anos (Tulipa, 49 anos, Assembleia de Deus) e 23 anos (Margarida, 52 anos, Igreja Shalon Adonai), ou seja, as mulheres mais jovens perderam a virgindade antes do casamento, o que pode estar associado ao fato de terem se convertido posteriormente.

No tocante a terem se casado virgens ou terem tido experiência com outros parceiros:

“Primeiro parceiro” (Margarida, 52 anos, Igreja Shalon Adonai).

“Não casei virgem, só que casei com o primeiro parceiro” (Tulipa, 49 anos, Assembleia de Deus).

“Não casei virgem, tive outros parceiros” (Orquídea, 34 anos, Cristianismo Sem Fronteiras).

“Não casei virgem, mas foi o primeiro parceiro” (Jasmim, 33 anos, Batista).

Lima (2018) suscita que antigamente uma mulher deveria casar-se virgem, aquela que descumprisse a ordem poderia ser em algumas culturas apedrejadas, diante da lei moral, estabelecida como forma de controle, uma mulher deveria se guardar para seu marido e isso é muito pregado ainda nos dias atuais dentro das

religiões, do cristianismo e as protestantes. Perder a virgindade antes do casamento é considerado pecado. Pelas respostas percebe-se que à medida que a mulher foi ganhando poder e voz diante da sociedade, ela também passa a ser dona do seu corpo e dos prazeres, descobrindo-se cada vez mais cedo as possibilidades de sensações e desejos (Araujo, 2020).

Devido as discussões sobre a diferenciação do conceito de sexualidade e de sexo serem mais atuais, visou-se conhecer o que as participantes compreendem por sexualidade e por sexo, dentre as respostas, teve-se:

“Sexualidade é vida sexual e também energia de libido” e “Sexo é um momento muito bom” (Margarida, 52 anos, Shalon Adonai).

“Sexualidade é complemento do sexo” e “Sexo é complemento do casamento” (Tulipa, 49 anos, Assembleia de Deus).

“A sexualidade diz respeito a uma série de comportamentos voltados para a satisfação sexual entre um homem e uma mulher” e “O sexo é uma relação prazerosa entre homem e uma mulher que buscam satisfazer a ambos” (Orquídea, 34 anos, Cristianismo sem Fronteiras).

“Sexualidade não se trata apenas de sexo, mas do conhecimento que temos sobre nosso corpo” e “Sexo é me conectar com meu parceiro, criar mais intimidade e ter aventuras” (Jasmim, 33 anos, Batista).

Discorrer sobre sexualidade e sexo, gera significações diferentes, haja vista que remonta às formas como as culturas, religiões, tradições entendem e lidam com o sexo. Ao analisar as falas, possibilita-se compreender a limitação de duas entrevistadas (as mais velhas, de 52 e 49, respectivamente) ao abordar sobre sexo e sexualidade, vê-se como este tema ainda é tabu na cultura das participantes da pesquisa, dada a associação a vergonha e dificuldade de explorar mais sobre, assim, os posicionamentos mais restritos, podem estar atrelados aos comportamentos ensinados ao longo da vida pelas famílias e religiões, portanto, deve-se levar em consideração a dimensão de construção pessoal e social (Farris, 2006).

Nas falas é possível identificar que as Orquídea e Jasmim, de 34 e 33 anos, respectivamente, tem uma visão mais ampla e atual do que seja a sexualidade e sexo, dado a fatores como urbanização, exposição à mídia de massa, acesso a informações, até pela faixa etária das entrevistadas, diante dos conhecimentos

debatidos, mais abertamente, em escolas e/ou demais espaços de socialização, que antes não eram discutidos.

Referente o que elas entendem como lícito nas relações sexuais, as participantes trouxeram os seguintes aspectos:

“Lícito é o que dá prazer aos dois e lícito é fazer o que não deseja” (Margarida, 52 anos, Igreja Shalon Adonai).

“Eu não gosto de sexo anal, então não fazemos, mas se ambos quisessem então seria lícito” (Tulipa, 49 anos, Assembleia de Deus).

“Lícito é tudo aquilo que não agride nem seu corpo e nem o corpo do parceiro e ilícito o contrário disso” (Orquídea, 34 anos, Cristianismo Sem Fronteiras).

“Tudo aquilo que nos traz desconforto ou vergonha é ilícito” (Jasmim, 33 anos, Batista).

Nota-se que os pontos abordados sobre o que é lícito e ilícito estão em consonância com o que se aprende nas socializações, compreensão geral do que é permitido ou não, que também é pontuado no âmbito da igreja, a partir dos padrões éticos, morais e ensinamentos bíblicos sobre o que o casal deve seguir no matrimônio. Salienta-se que nos dias hornienos a igreja aconselha como legítimo o sexo dentro do casamento e o respeito mútuo (Araújo, 2020).

No que tange ao corpo, em cada período histórico, as respectivas culturas delinearam concepções, formularam padrões aos quais homens e mulheres submeteram o próprio corpo (Araújo, 2020). Interrogou-se às mulheres se conhecem o próprio corpo, todas afirmaram que sim, sem discorrer mais aprofundadamente como, o que mostra o tabu em torno do conhecimento do próprio corpo, associado à visão negativa e de pecado sobre o se tocar, como está disposto em alguns versículos bíblicos.

Logo, essas “não respostas” também são permeadas pela construção histórica sobre o corpo, que, em se tratando de pessoas ligadas a religião, de acordo com a literatura, pode estar carregadas pela aflição da salvação ou danação eterna; através do discurso religioso medieval, influenciado pela moral estoica, que se percebe o caráter de negação ao corpo, principalmente ao feminino, e em relação às práticas sexuais praticadas livremente (Gatt, 2019). Desta forma, é pertinente apontar que o corpo se revela enquanto fato social, psicológico, cultural e religioso, não apenas enquanto componente de elemento orgânico (Barbosa, Matos, Costa,

2011).

No que concerne a satisfação sexual, não há um conceito único para definição. Compreende-se como uma vivência diferente para cada pessoa, carregada de subjetividades. Quanto a satisfação sexual das mulheres, relaciona-se com a condição de ter orgasmo em uma relação com penetração, bem como, envolve inúmeros fatores, tais sintonia com o parceiro, conforto e satisfação conjugal, desejo e interesse sexual, preliminares e excitação sexual (Catão *et al*, 2010; Villela, Doreto, 2009; ABDO, 2009, Lopes e Maia, 2005 *apud* Cerqueira *et al*, 2022). À vista disso, indagou-se como as mulheres se sentem durante a relação sexual, teve-se como respostas:

“Satisfeita” (Margarida, 52 anos, Igreja Shalon Adonai);

“Muito bem” (Tulipa, 49 anos, Assembleia de Deus).

“Me sinto bem, relaxada amada e desejada” (Orquídea, 34 anos, Cristianismo Sem Fronteiras).

“Amada” (Jasmim, 33 anos, Batista).

Além disso, todas afirmaram sentir prazer no ato sexual. Nota-se, que as respostas não foram tão abrangentes, verificou-se, durante a entrevista, uma timidez ou mesmo não costume, por parte das participantes, de falarem livremente sobre o assunto. Para Araújo (2020), o ato sexual é definido como entrega corporal, manifestação de amor, dom da vida. Logo, todas as falas ratificam o que a literatura aborda sobre o prazer sexual, ligado à satisfação e desejos.

Foram perguntadas se compartilham seus desejos com seu esposo ou se só satisfazem os desejos dele:

“Compartilho e explico o que gosto” (Margarida, 52 anos, Igreja Shalon Adonai).

“Compartilham, os dois” (Tulipa, 49 anos, Assembleia de Deus).

“Compartilho meus desejos também” (Orquídea, 34 anos, Cristianismo Sem Fronteiras).

“Compartilho tudo, o sexo tem que ser bom para os dois” (Jasmim, 33 anos, Batista).

Cabe pontuar que para as mulheres, em geral, a satisfação sexual, também está ligada a qualidade do relacionamento e ao contexto em que o comportamento sexual está inserido, mas do que ao ato sexual propriamente dito. As respostas se

diferenciam ao que a literatura aborda, que o homem é educado, indiretamente, a ser “ativo” nas relações sexuais e a mulher “passiva”, ou “receptiva” (Farris, 2006). Mostram que, ainda que elas não tenham sido educadas dentro dos seus lares para a vivência da sexualidade e sexo, representam um avanço dessas mulheres ao dialogarem no casamento sobre o que gostam ou não durante o ato sexual.

Quando questionadas se acreditam que as relações socioculturais sobre a vivência da relação sexual são ligadas a influência da religião, duas entrevistadas afirmaram que houve e há influências e as outras afirmaram que não há ligação, conforme pode-se verificar:

“Sim” (Margarida, 52 anos, Igreja Shalon Adonai).

“Não, pois sempre tive a relação sexual dentro do padrão” (Tulipa, 49 anos, Assembleia de Deus).

“Não, estão ligadas ao que Deus espera de mim” (Orquídea, 34 anos, Cristianismo Sem Fronteiras).

“Sim, no início da minha vida sexual eu tinha muito medo de muitas coisas e não sabia o que era certo, ou errado, porque eu não tive nenhum ensinamento sobre o que fazer, só sabia que muitas coisas eram pecado e não tinha liberdade para conversar sobre essas dúvidas” (Jasmim, 33 anos, Batista).

No entanto, verifica-se que Tulipa mesmo negando, discorre que as relações ocorrem “dentro do padrão”. Pontua-se que os padrões correspondem a repetições sejam culturais, de construções familiares, religiosas, dentre outros. Assim como Orquídea, que respondeu negativamente, mas, abordou que “se liga ao que Deus espera”, ou seja, indiretamente o divino, a crença pesa. Na fala de Jasmim, por sua vez, verifica-se o quanto a falta de discussão sobre a temática, a falta de liberdade e conversas faz com que surjam dúvidas na vivência que levam a compreensão de alguns aspectos de forma generalizada, como certos ou errados e como pecado.

Na perspectiva de Farris (2006), sexo inclui a fragmentação entre fé, o corpo, a influência da cultura na compreensão da sexualidade, que se esbarra em questões e problemas históricos e nas tensões entre ética, moralidade e tradições das igrejas. Ainda que a mulher tenha conquistado ao longo do tempo um papel ativo e singular na sociedade, muitas delas ainda parecem ter seus desejos reprimidos e/ou afetados. Sendo assim:

Embora o corpo físico seja o habitat da sexualidade e demarcador

das fronteiras daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente matéria corporal e está amalgamada a nossas crenças, ideologias e imaginação (Weeks, 2001:38 *apud* Leite, 2016, p. 03).

Desta forma, foi possível verificar nesta pesquisa o que é confirmado por estudos sobre o desejo sexual feminino, que revelam que, devido aos muitos papéis sociais desempenhados no contexto de sua vida, as idades que essas mulheres têm, e como também o modelo tradicional que lhe foi ensinado, acabam sendo uma justificativa de suas vivências, a partir da reprodução de padrões (Fleury e Abdo, 2009). No entanto, destaca-se que estes padrões que podem levar a um sofrimento pessoal e interferência na resposta sexual das mulheres – que não foi o caso de nenhuma entrevistada.

A partir das falas das entrevistadas, percebe-se a validação do ensinamento religioso, direta ou indiretamente, em suas vivências sobre sexo e sexualidade, na compreensão do que é certo ou errado, o que era lícito ou ilícito, sobre a virgindade antes do casamento ou, caso engravidasse, como seria vista pela família; essas e outras situações ocorrem a partir da “catequese doméstica”, a qual se impõem as leis morais de conduta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão da literatura e da realização da pesquisa de campo com mulheres de quatro diferentes segmentos religiosos do município de Feira de Santana - BA, o presente trabalho corroborou que, ao longo da história ligada à religião (neste trabalho o foco foi o protestantismo), a sexualidade foi amplamente discutida, portanto, sempre apareceu nos tratados teológicos, nas pregações, nos códigos morais e orientações doutrinárias, com o intuito de orientar as pessoas de acordo com seus preceitos e valores.

As respostas imputadas às perguntas realizadas na pesquisa de campo reforçam ao que a literatura discorre que a sexualidade, compreendida para além de um processo fisiológico, mas também a partir de suas dimensões subjetivas, da integração dos elementos emocionais, culturais, somáticos, e sociais do ser sexual – envolve, pois seus desdobramentos, vivências e nuances, que, durante muito tempo

estiveram e ainda se encontram sob a vigilância das igrejas e são atravessadas por perspectivas morais que promovem a ocultação da vivência e o cerceamento das relações sexuais e dos corpos.

Comprovou-se que as Igrejas, portanto, ocupam um espaço privilegiado quando se pensa em formação, reflexão e diálogo sobre as mais diversas temáticas, dentre as quais a sexualidade e sexo. Especificamente com relação a questões sobre sexualidade, as igrejas, muitas vezes, ocupam um lugar de certo “pudor” e “santidade”, fazendo com que determinados assuntos não possam ou não devam ser mencionados (Graube, 2019).

As falas da entrevistadas apontam uma evolução no posicionamento das mesmas sobre o que gostam ou desejam. Mesmo em meio a uma não educação sobre sexo e sexualidade, viu-se que as mesmas conversam com seus esposos sobre, visto que, ao longo da história a mulher tinha seus direitos cerceados; além disso, afirmaram sentirem prazer durante a relação sexual. Assim como se percebeu, através das respostas básicas, rasas, o quanto ainda há um tabu ao falar livremente sobre sexo, sexualidade, sobre o conhecimento do próprio corpo, dessa forma, notou-se então uma mudança de postura diante do desconhecido, e um enfrentamento, mesmo com sentimento de vergonha, que é carregado de elementos culturais e religiosos.

Diante dos achados da pesquisa de campo, notou-se que de fato a religião sempre comentou, discutiu, normatizou, proibiu e excitou discussões sobre sexualidade, bem como exerce influência direta sobre a autopercepção das mulheres sobre suas vivências de sexualidade e sexo, porém isso não foi, no relato das entrevistadas, um fator limitante que as impedem de viver uma relação sexual satisfatória.

Verificou-se que carecem de estudos para aprofundarem questões como satisfação sexual, conhecimento do próprio corpo, desempenho sexual, autoestima, aspectos que se relacionam à satisfação sexual e impactos psicológicos destes – voltadas ao público protestante e feminino com vistas ao processo de autoconhecimento e emancipação dessas mulheres. Sendo necessário, pois, o aprofundamento da discussão sobre as temáticas.

REFERÊNCIAS

ABDO, Carmita. **Sexo no cotidiano; atração, sedução**. São Paulo: Contexto, 2021. 160 p. v. cdd3067. ISBN 9786555410600.

AQUINO, Santo Tomás de. **Suma Teológica**: Suma Teológica. 5ª edição. ed. São Paulo: Ecclesiae, 1485. 3996 p. v. 5. ISBN 9785000000000.

ARAÚJO, Sandra Helena Rios De. A MULHER CATÓLICA NO ?CONFESSIONÁRIO? DA GINECOLOGISTA: O IDEAL DA DOCTRINA MORAL SEXUAL DA IGREJA CATÓLICA E A VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE. **Tese de Doutorado em Ciências da Religião. Universidade Católica de Pernambuco**, Recife, p. 1-254, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2015. 288 p. v. 1. ISBN 9789724415062.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emilia. **Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje**. In: *Psicol. Soc.* 23 (1) • Abr 2011
<https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100004>, disponível em:
<https://www.scielo.br/j/psoc/a/WstTrSKFNy7tzvSyMpqfWjz#>, acesso em 20 de novembro de 2023

CERQUEIRA, Lara Carvalho; PRADO, Ana Luisa Lisboa Prado; FONTES, Gabriela Queiroz; DIAS, Julia Maria Gonçalves; SILVA, Thaís Serafim Leite de Barros. **Satisfação sexual em mulheres com diferentes sexualidades**. In: *Conjecturas*, 2022(13), 807–813. Disponível em:
<https://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1707> acesso em 20 de novembro de 2023.

COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. **Temas em Psicologia da SBP**, [s. l.], v. 12, ed. 1, p. 2-17, 2004.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Sexualidade, cristianismo e poder. In: *Revista UERJ*, 2010. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v10n3/artigos/html/v10n3a05.html>, acesso em 15 de novembro de 2023.

FARRIS, James. A família, o sexo e a sexualidade Perspectivas pastorais. **Revista Caminhando**, [s. l.], v. 11, ed. 18, p. 151-164, 2006.

FERREIRA, Sônia Mendes. A mulher cristã e as disfunções sexuais. **Especialista em Sexualidade**, [s. l.], p. 1-39, 2019.

FLEURY, Heloisa Junqueira; ABDO, Carmita Helena Najjar. Estressores financeiros e o comprometimento da saúde mental e sexual. **Medicina Sexual**, [s. l.], p. 44-47, 2022.

GATT, Pablo. A sexualidade em questão: o Pecado Original de Adão e Eva e o caráter negativo do ato sexual na Summa Theologiae (1273), de Tomás de Aquino: A sexualidade em questão. **Rev. Hist. UEG - Morrinhos**, v.8, n.2, e-821905, jul./dez. 2019: ARTIGO LIVRE, Universidade Federal do Maranhão, ano e-821905, v. 8, n. e-821905, ed. 2, p. 1-14, 9 mar. 2019.

GOMES, Nilvete Soares; LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. **Sexualidade E Suas Vicissitudes Na Escolha De Vida Religiosa Consagrada**. In: *Psicol. Soc.* 27 (03) • Dez 2015 <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p599> , disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/ZfQNV4rrZrycD774zRZ3ZhQ/#> , acesso em 20 de novembro de 2023.

GRAUBE, Tiago Ademir. GÊNERO, SEXUALIDADE E JUVENTUDE LUTERANA: PERCEPÇÕES E ABORDAGENS EM UM GRUPO DE JUVENTUDE EVANGÉLICA JE. **Mestrado Acadêmico**, [s. l.], p. 1-127, 2019.

HEINEMANN, Uta Ranke. **Eunucos pelo reino de Deus: Igreja católica e sexualidade ? de Jesus a Bento XVI**: Eunucos. 5ª edição. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. 475 p. v. 8501117153. ISBN 978-8501117151.

JARA, Iaci da Costa. MUTILAÇÃO COGNITIVA DO CLITÓRIS: regimes de verdade sobre o corpo sexuado da fêmea humana. **Programa de Pós-Graduação**, [s. l.], p. 1-145, 2019.

JÚNIOR, Sebastião Bonifácio. Sexualidade feminina e religiosidade ocidental: uma análise dos contos ?Pai nosso? e ?Redenção?, de Henriette Effenberger. **SEÇÃO: O CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO DE AUTORIA FEMININA**, [s. l.], p. 1-17, 2021.

LENZENWEGER, Josef. **História Da Igreja Católica**: Cristianismo. 2º Ed.. ed. Ipiranga, São Paulo: Edições Loyola, 2006. 394 p. v. 5985105. ISBN 9788515030408.

LIMA, Soelma Costa da Fonseca. REPRESENTAÇÕES DA MULHER NO CRISTIANISMO ANTIGO. PARA UMA TIPOLOGIA DO FEMININO NA ANTIGUIDADE NUMA PERSPECTIVA COMPARADA. **Tese Doutorado**, [s. l.], p. 1-390, 2018.

LOPES, Tatiana Bezerra de Oliveira. Evangélicas em (des)igrejamento: interpelações de gênero e sexualidade nas práticas de igreja e desigrejar. **Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação** , [s. l.], p. 1-140, 2022.

LUCENA, Barbara Braga de Lucena; ABDO, Carmita Helena Najjar. O papel da ansiedade na (dis)função sexual. **Medicina Sexual**, [s. l.], p. 94-98, 2013.

MARTINES, Elizabeth Antônia Leonel de Moraes; ROSSAROLLA, Juliana Negrello. **SEXO E SEXUALIDADE: tabu, polêmica ou conceitos polissêmicos? Reflexões sobre/para a formação de educadores**. In: *Rev. Exitus* vol.8 no.2 Santarém maio/ago 2018 Epub 28-Maio-2019 <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2018v8n2id537> , disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-94602018000200273, acesso em 20 de novembro de 2023.

MIKOSZ, José Eliézer. A Mulher e o Mal: A alma negativa, e o mito de Lilit e a Santa Inquisição. **A Mulher e o Mal; A alma negativa, e o mito de Lilit e a Santa Inquisição**: A alma negativa, e o mito de Lilit e a Santa Inquisição, Faculdade Belas Artes da universidade de Lisboa, ano 2007, p. 1-10, 2007.

ROCHA, Rita Martins Godoy; MORAES, Ana Beatriz Moraes; SOUZA, Mariane Ventura; FUCC, Paula Micali. **Prazer Feminino e Satisfação Sexual: um Estudo Com Base No Quociente Sexual Feminino**. In: *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. V. 34. ISSN 2675-1194, Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1067/914 acesso em 10 de novembro de 2023.

SAÉZ, Oscar Calavia. **Contra naturam, contra connubium: A sexualidade no cristianismo**. In: *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 37(1): 122-143, 2017. Disponível em:



<https://www.scielo.br/j/rs/a/bRNqsQFZ3KWShV6Vvd8Whtm/?format=pdf&lang=pt>, acesso em 20 de novembro de 2023.

SANTOS, Deyse Luciano de Jesus; TRINDADE, Jamile dos santos Ferreira. Educação, sexualidade e religião: (des) colonizando corpos femininos. **Revista de Comunicação e Linguagem**, RCL, v. n54, ed. ISSN21837198, p. 1-19, 2021.

TAQUETTE, Stella R; BORGES, Luciana. **Pesquisa Qualitativa Para Todos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2020. 208 p. ISBN 9786557130346.

USARSKI, Frank. **O espectro disciplinar da ciência da religião**. [S. l.]: Paulinas, 2019. 312 p. ISBN 8535645543,9788535645545.

VANAZZI, Brisa Manuela dos Reis. Religião, Identidade e Mentalidade Fundamentalista: Gênero e Sexualidade no Brasil. **Produção de Artigo**, [s. l.], p. 1-18, 2019.